

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador - Bahia, 14-17 de maio de 2013

4

RELAÇÃO ANTIGO-NOVO: TEORIA, AÇÕES E IMPACTOS NA PREEEXISTÊNCIA PATRIMONIAL

UMA HISTÓRIA FORJADA: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO DA PRAÇA DA CONVIVÊNCIA NO “CORREDOR CULTURAL DE MOSSORÓ” – RN

RELACIÓN ANTIGUO-NUEVO: TEORÍA, ACCIONES Y IMPACTOS EN LA PREEEXISTENCIA PATRIMONIAL

UNA HISTORIA FABRICADA: CONSTRUYENDO LA ESCENA EN LA PLAZA DA CONVIVENCIA EN EL “CORREDOR CULTURAL DE MOSSORÓ” – RN.

OLD-NEW RELATIONSHIP: THEORY, ACTIONS AND IMPACTS ON THE PREEEXISTING CULTURAL HERITAGE

A FORGED PAST: CREATING THE SCENERY OF “PRAÇA DA CONVIVÊNCIA” AT MOSSORÓ’S CULTURAL CORRIDOR

Eixo Temático 4 - Identificação, intervenção e gestão do patrimônio edificado: instrumentos, metodologias e técnicas.

Natália Miranda Vieira

Doutora em Desenvolvimento Urbano pela UFPE e Professora Adjunta do Departamento de Arquitetura e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DARQ/PPGAU-UFRN).

Resumo:

Uma significativa parcela de intervenções urbanas e arquitetônicas realizadas nos sítios históricos sob proteção no âmbito federal patrimonial no Brasil, demonstram a prática recorrente de intervenções em áreas de reconhecido valor patrimonial ainda baseadas em uma visão oitocentista do restauro. Nessas intervenções prevalece a visão de que é necessário garantir a sua “feição primitiva”, sua “identidade” a partir, predominantemente, da afirmação de seus aspectos formais, definidos como elementos caracterizadores de uma determinada época e determinado lugar, atentando assim contra a autenticidade de importantes conjuntos urbanos que fazem parte de nosso patrimônio cultural nacional. Dentro da mesma fixação por conjuntos formais homogêneos, podemos citar também outro movimento que tem se proliferado na cidade contemporânea: a criação de cenários completos, conjuntos que nunca existiram, seguindo características formais de períodos históricos já passados. A transformação da cidade em um grande espetáculo torna-se ainda mais preocupante quando estes cenários se incorporam a estrutura das cidades e passam a ser utilizados como “verdadeiros” *centros históricos contemporâneos*. Este será o nosso foco no presente artigo, utilizando como estudo de caso a Praça da Convivência no “Corredor Cultural” em Mossoró-RN.

Palavras-chave: Autenticidade, Cenários, *Disneyficação*.

Resumen:

Una parte importante de las intervenciones urbanas y arquitectónicas realizadas en los sitios históricos protegidos nacionalmente, demuestran la práctica generalizada de las intervenciones en las áreas reconocidas como de valor patrimonial sigue basándose en una visión decimonónica de la restauración. En estas intervenciones vista predominantemente de que es necesario para garantizar su "carácter primitivo", su "identidad", a partir de la afirmación de sus aspectos formales, definidos como elementos característicos de un determinado tiempo y lugar, atacando la autenticidad de importantes núcleos urbanos que forman parte de nuestro patrimonio cultural nacional. Dentro de la misma obsesión por conjuntos homogéneos formales, también podemos citar otro movimiento que ha proliferado en la ciudad contemporánea: la creación de escenarios completos que nunca existieron, obedeciendo a las características formales de los períodos históricos que han pasado. La transformación de la ciudad en un gran espectáculo se vuelve aún más preocupante cuando estos escenarios se incorporan a la estructura de las ciudades y están siendo utilizados como "verdaderos" centros históricos contemporáneos. Este será nuestro enfoque en este artículo, utilizando como caso de estudio la Plaza da Convivencia de Mossoró/RN.

Palabras-clave: Autenticidad, Escenarios, ciudad espectáculo.

Abstract:

A relevant amount of urban and architectural interventions, brought about at historical sites protected at federal level in Brazil, demonstrate the frequent practice of interventions still based in a nineteenth-century approach to restoration in areas with recognized heritage value. These interventions are dominated by a view that finds it necessary to guarantee its "primitive aspect", its "identity", based mainly on its formal aspects, defined as typical elements of a specific period and place, thus undermining the authentic of important urban sites included in our national cultural heritage. Within this obsession for formal, homogeneous sites, we can highlight also another tendency that has proliferated at contemporary cities: the creation of complete sceneries, sites that never existed, following formal traits of past historical periods. This transformation of the city into a grand spectacle becomes even more distressing when these sceneries are incorporated into the city's structure and used as "true" contemporary historic centres. This article will focus on this situation, using Mossoró's Praça da Convivência as case study.

Keywords: Authenticity, Sceneries, Disneyfication.

UMA HISTÓRIA FORJADA: A CONSTRUÇÃO DO CENÁRIO DA PRAÇA DA CONVIVÊNCIA NO “CORREDOR CULTURAL DE MOSSORÓ” – RN

INTRODUÇÃO

Já há algum tempo vem nos preocupando a prática recorrente de intervenções em áreas de reconhecido valor patrimonial a partir de uma visão oitocentista do restauro. Uma significativa parcela de intervenções urbanas e arquitetônicas realizadas nos sítios históricos sob proteção no âmbito federal patrimonial no Brasil, estão pautadas em uma representação constituída de que este patrimônio é tratado como uma “reliquia”, onde ainda prevalece a visão de que é necessário garantir a sua “feição primitiva”, sua “identidade” a partir, predominantemente, da afirmação de seus aspectos formais, definidos como elementos caracterizadores de uma determinada época e determinado lugar (BRENDELE e VIEIRA, 2009; BRENDELE e VIEIRA, 2010; VIEIRA e NASCIMENTO, 2012).

Intervenções baseadas em reconstruções miméticas como o Trapiche de Laranjeiras, em 2009 (BRENDELE e VIEIRA, 2010), o Casarão do Hotel Pilão na Praça Tiradentes em Ouro Preto, em 2006 (VIEIRA e NASCIMENTO, 2012) continuam proliferando e atentando contra a autenticidade de importantes conjuntos urbanos que fazem parte de nosso patrimônio cultural nacional (VIEIRA, 2008) (Figuras 1 e 2).



Figuras 1 e 2: Na figura 1 observamos o Casarão reconstruído na Praça Tiradentes, a única área remanescente da edificação que sofreu o incêndio são as três portadas em pedra no canto direito inferior da imagem. O remanescente e o reconstruído estão completamente fundidos em um grande pastiche. Na figura 2, vemos o quarteirão dos Trapiches totalmente reconstruído, logo antes de sua inauguração, ainda com os tapumes e placa de identificação do Programa Monumenta.

Fotos realizadas por Paula Maciel Silva, 2012 e pela autora, 2009.

Dentro da mesma fixação por conjuntos formais homogêneos, podemos citar também outro movimento que tem se proliferado na cidade contemporânea: a criação de cenários completos, conjuntos que nunca existiram, seguindo, de maneira descompromissada, características formais de períodos históricos já passados.

Em Mossoró, segunda cidade de maior importância do Rio Grande do Norte, assistimos, com pesar, a construção de um grande cenário como parte do projeto chamado “Corredor Cultural de Mossoró”: trata-se da chamada *Praça da Convivência*, obra inaugurada em 25 de maio de 2008. É sobre este caso que nos debruçaremos neste artigo, observando o desserviço que tem sido feito ao reconhecimento do patrimônio local através da substituição deste por cenários pasteurizados.

FETICHIZAÇÃO DA HISTÓRIA, CRIAÇÃO DE CENÁRIOS E *DISNEYFICAÇÃO*

A fetichização da história também tem levado a outro fenômeno em ações contemporâneas que se traduz na criação de enormes cenários arquitetônicos que forjam contextos históricos que nunca existiram. Baudrillard (1995: 24-25) nos alerta para a potência intrínseca à imagem e aos signos que, no final das contas, nos proporcionam um tranquilo abrigo à realidade.

Vivemos desta maneira ao abrigo dos signos e na recusa do real. Segurança miraculosa: ao contemplarmos as imagens do mundo, quem distinguirá esta breve irrupção da realidade do prazer profundo de nela não participar. A imagem, o signo, a mensagem, tudo o que consumimos, é a própria tranquilidade selada pela distância ao mundo e que ilude, mais do que compromete, a alusão violenta ao real (BAUDRILLARD, 1995: 24-25).

É esta tranquilidade proporcionada pelo signo a responsável pelo estrondoso sucesso de empreendimentos como a Disney World. Michael Eisner, que assumiu a direção da Walt Disney Company em 1984, reconhece que o desenho arquitetônico tem a capacidade de “*tecer uma trama de encantamento de permanente duração*” (EISNER apud CASTELLO, 1998) semelhante à magia do desenho animado. Este pode ser caracterizado, então, como um “*urbanismo da meta-realidade*” (CASTELLO, 1998) onde se constrói lugares que nos oferecem algo *além* de nossa realidade cotidiana. Esta mistura entre realidade e fantasia constitui a “*realidade de Disney*”. A Disneylândia e a Disney World “*oferecem uma versão purificada da história americana*” (GHIRARDO, 1996: 50, 58). Esse urbanismo da meta-realidade, não é mais um privilégio dos nossos conhecidos parques temáticos, nossas cidades encontram-se cada vez mais recheadas de paisagens temáticas (VIEIRA, 2000: 28) (Figuras 3, 4,5 e 6).



Figuras 3, 4, 5 e 6: Pousada em Maracaípe, famosa praia do litoral sul pernambucano; Espaço festa infantil em Fortaleza; Interior do shopping Guararapes, Piedade, Pernambuco e Galeria Comercial em Aldeia, bairro situada na região metropolitana de Recife, numa área de características campestres. Todos exemplos de “arquitetura contemporânea” do século XXI. Fotos realizadas pela autora, 2006; 2010; 2013.

Sobre a configuração da paisagem urbana atual Zukin (1996: 206) observa que existem dois arquétipos de paisagem que caracterizam bem a contemporaneidade que são a *gentrificação* e a *disneyficação*. Esses dois tipos não são representativos de todas as transformações espaciais, mas a autora coloca que:

[...] o conjunto de temas que representam, sua importância visível em uma cultura global comum, orientada para o consumo, e a visível destruição criativa da paisagem que eles causam, sob auspícios privados (isto é, mercado) tornam a gentrificação e o Disney World os mapeamentos pós-modernos essenciais de cultura e poder (ZUKIN, 1996: 206. grifos nossos).

A transformação da cidade em um grande espetáculo torna-se ainda mais preocupante quando estes cenários se incorporam a estrutura das cidades e passam a ser utilizados como “verdadeiros” *centros históricos contemporâneos*.

MOSSORÓ: CARACTERÍSTICAS GERAIS DE SUA FORMAÇÃO HISTÓRICA

Mossoró é uma cidade incrustada no semiárido brasileiro, que tem assumido uma importância econômica regional e mesmo nacional que tem levado a intensas transformações urbanas.

[...] desde a década de 1980, de forma intensa, essa área assume novos papéis na divisão internacional do trabalho e tem ramos econômicos inseridos na dinâmica da produção moderna e vive, desde então, importantes transformações socioespaciais (Eliás e Pequeno, 2006, 2007), incluindo o próprio discurso sobre suas possibilidades econômicas.

[...] Partes do semiárido passam a ser consideradas, a partir desse momento, como fração do espaço do planeta cada vez **mais aberta** às determinações exógenas e **aos novos signos contemporâneos** (PEQUENO e ELIAS, 2010: 444 – grifos da autora).

Destaca-se também a forte identidade cultural que marca a cidade, tendo sido a mesma eleita a “*Capital Brasileira da Cultura*” no ano de 2007. O patrimônio edificado da cidade inclui exemplares que representam sua época de formação como, a Catedral de Santa Luzia, além de belos exemplares modernistas como o Instituto de Educação de Mossoró, inaugurado em 1959, de autoria do arquiteto Moacyr Gomes. Outro patrimônio preservado pelo município é a Igreja de São Vicente de Paula, do início do século XX, símbolo de resistência do povo mossoroense a um ataque do bando do cangaceiro Lampião, ocorrido em junho de 1927, evento que é lembrado e comemorado até os dias de hoje com o espetáculo de rua “Chuva de Balas”.

A formação da cidade de Mossoró iniciou-se na atual Praça Vigário Antônio Joaquim, conhecida como a Praça da Matriz. Segundo o inglês Henry Koster, viajante de passagem por Mossoró em 7 de dezembro de 1810, o povoado se resumia a “200 ou 300 habitantes, edificado num quadrângulo, tendo uma igreja e casas pequenas e baixas”.¹ Esta Praça, hoje possui em seu entorno, além da Catedral de Santa Luzia, sede da Diocese de Mossoró, algumas edificações ecléticas, o Teatro Lauro Cavalcanti Filho, belíssimo exemplar modernista que aguarda a sua recuperação, e uma movimentada vida comercial.

¹ Informação obtida em <http://www2.uol.com.br/omossoroense/260409/conteudo/artigos.htm>

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA 4

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador - Bahia, 14-17 de maio de 2013



Figuras 7, 8, 9 e 10: Na figura 7, observamos a Praça Vigário Antônio Joaquim e a Igreja de Santa Luzia ao fundo. Na figura 8, algumas edificações ecléticas no entorno desta mesma praça. Na figura 9, observamos o Teatro Lauro Monte Filho, projeto do arquiteto Moacyr Gomes, que fica na Praça Vigário Antônio Joaquim, no lado oposto à fachada principal da Igreja de Santa Luzia, atualmente fechado para reforma. Na figura 10, algumas edificações com vestígios proto modernos no entorno da igreja. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

Especialmente a partir de 1920, Mossoró passa por um processo de crescimento e modernização que leva à construção de uma série de exemplares de destaque de arquitetura eclética. Entre estes está, sem dúvida, o edifício inaugurado em 1937 para abrigar a “Escola Técnica do Comércio União Caixeira”, uma iniciativa da “União Caixeril de Mossoró”, organização dos comerciantes locais criada em 1911.² A Escola Técnica foi construída na Praça da Redenção que é, provavelmente, a segunda praça construída na cidade. A edificação hoje abriga a Biblioteca Pública Ney Pontes (figura 11). A Praça da Redenção adquiriu esse nome em homenagem à abolição da escravatura em Mossoró, em 30 de setembro de 1883, tendo sido a primeira cidade do Rio Grande do Norte a tomar tal decisão.³ A Praça da Redenção, espaço utilizado pela população para várias manifestações históricas, também era o local de moradia do jornalista mossoroense, Dorian Jorge Freire (1933-2005). A prefeitura de Mossoró decidiu prestar-lhe uma homenagem póstuma rebatizando a praça que agora se chama *Praça da Redenção Dorian Jorge Freire* e possui uma estátua sua (figuras 12 e 13).

² Informação obtida em <http://blogdetelelescope.blogspot.com.br/2013/02/escola-tecnica-de-comercio-uniao.html>

³ Informação obtida em <http://blogdetelelescope.blogspot.com.br/2013/01/praca-da-redencao-mossoro-rn-1918.html>



Figuras 11, 12 e 13: Na figura 11, a Biblioteca Pública Ney Pontes; nas figuras 12 e 13, vista geral da Praça da Redenção e detalhe da estátua construída em homenagem ao jornalista Dorian Jorge Freire. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

Além das duas praças acima citadas, já bastante modificadas com o passar dos anos, os exemplares arquitetônicos de valor histórico de Mossoró estão hoje espalhados ao longo do tecido urbanos da cidade. Ou seja, não há um “centro histórico”, um conjunto concentrado em determinado espaço da cidade.



Figuras 14, 15, 16 e 17: Na figura 14, edificação eclética na Av. Alberto Maranhão. Na figura 15, outra edificação eclética em processo de descaracterização na própria Av. Rio Branco onde se localiza a recém construída Praça da Convivência. Na figura 16, o Instituto de Educação de Mossoró (hoje, Escola Estadual Jerônimo Rosado) belíssimo exemplar modernista projetado também pelo arquiteto Moacyr Gomes em 1959. Na figura 17, o Palácio da Resistência onde atualmente está instalada a sede da Prefeitura Municipal de Mossoró. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

MOSSORÓ NO CONTEXTO DE *DISNEYFICAÇÃO*

O projeto do Corredor Cultural de Mossoró, ironicamente, apresenta como objetivo principal “a valorização da questão cultural local”, buscando a inserção do município no circuito nacional de turismo cultural. Inaugurado em 2008, o “Corredor Cultural de Mossoró” é um grande projeto de urbanização de uma das principais avenidas da cidade, a Av. Rio Branco, que corta a cidade de leste a oeste.

O “corredor”, atualmente, corresponde a uma faixa de cerca de 2km de extensão (Figura 18), onde encontram-se: a “Praça de skate”; “Praça das crianças”, que abriga espaços temáticos como a “Casa dos anões” e “Bedrock” - cidade fictícia onde residem os personagens pré-históricos do desenho *Os Flintstones*; a “Praça de eventos”, um grande largo pavimentado para realização de eventos de grande concentração de público; a “Estação das Artes Eliseu Ventania” e o “Teatro Municipal Dix-Huit Rosado”, espaços já existentes antes da implantação do restante do complexo; o “Memorial da Resistência”, composto de uma praça em torno de quatro volumes edificadas, onde são expostos painéis explicativos da trajetória da cidade na resistência ao bando do cangaceiro Lampião e, finalmente, a cereja do bolo: a “Praça de convivência”, um “*novo centro histórico*” para Mossoró onde foram instalados bares e restaurantes em prédios que reproduzem uma vila eclética(?), voltadas para uma área de mesas, onde acontecem shows de música ao vivo (OLIVEIRA, 2010) (Figura 19).

Ainda há uma área em piso de cimento queimado, sem cobertura ou paisagismo, que destina-se à montagem do pavilhão para apresentação das quadrilhas juninas, durante o “Mossoró Cidade Junina” e a “Praça de Esportes”, com 7.700 metros quadrados distribuídos entre diversas quadras esportivas e uma área para ginástica (OLIVEIRA, 2010) (Figura 19).

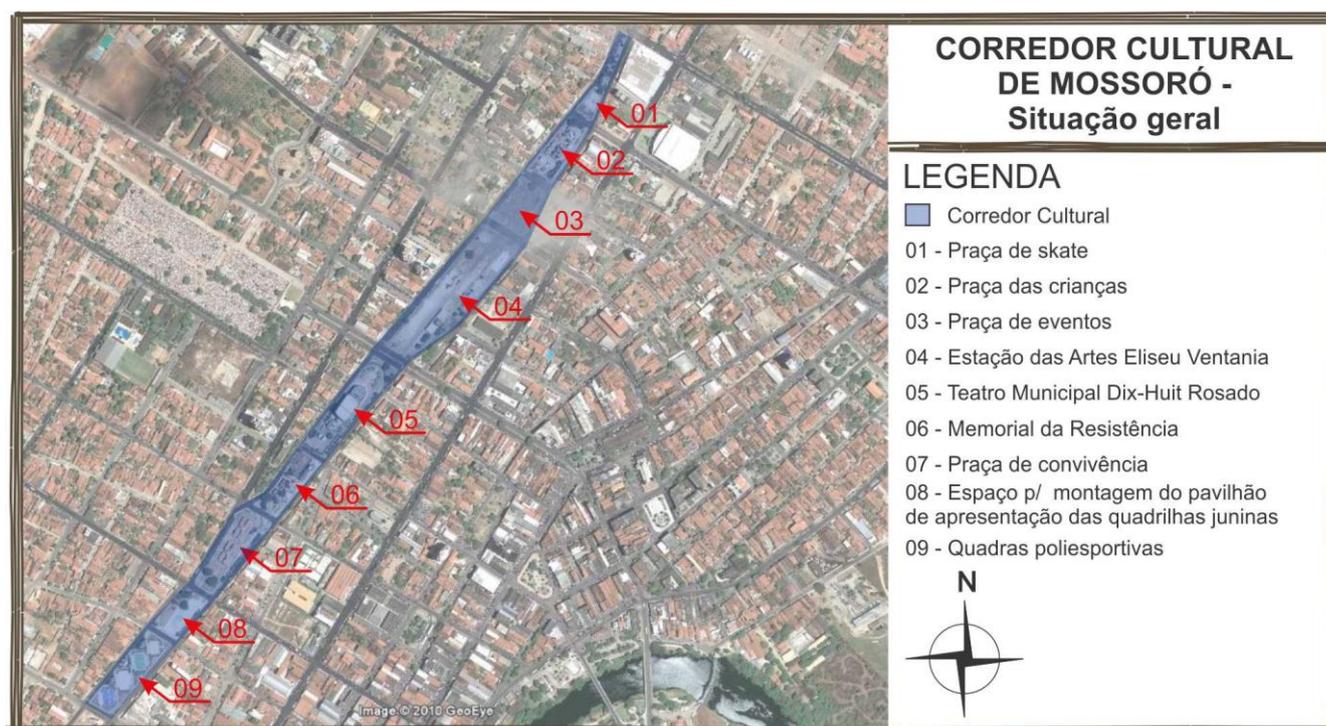


Figura 18: Situação geral dos equipamentos do Corredor Cultural de Mossoró.
Fonte: CARVALHO, 2010.

ENCONTRO INTERNACIONAL

ARQUI MEMÓRIA

SOBRE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO EDIFICADO

Salvador - Bahia, 14-17 de maio de 2013

4



Figura 19: Equipamentos que compõem o “Corredor Cultural” de Mossoró.
Fonte: CARVALHO, 2010.

A força imagética do cenário criado na Praça da Convivência é tão forte para o “Corredor Cultural de Mossoró” que esta passa a ser a marca que identifica o projeto de todo o corredor (Figura 20).



Figura 20: Placa com a Logomarca do “Corredor Cultural de Mossoró”.
Fonte: CARVALHO, 2010.

Assim como outros equipamentos do Corredor Cultural, Praça da Convivência está situada em uma espécie de “canteiro central alargado” da Av. Rio Branco, neste caso, chamado de Largo Manoel Duarte. A área cria a “atmosfera” de um “centro histórico” de forma absolutamente artificial, incrustada numa “ilha” que não se relaciona com a dinâmica da cidade (figura 21).



Figuras 21: Vista de satélite da Praça da Convivência do “Corredor Cultural de Mossoró” (delimitada pela elipse vermelha) a partir dos dois lados da Av. Rio Branco. Fonte: Google Earth editado pela autora, mar/2013.

As figuras 22 e 23 mostram o acesso à área a partir dos dois lados da Av. Rio Branco. Em um dos lados, há inclusive uma diferença de nível entre a praça e a calçada, sendo praça circundada por uma balaustrada que rompe a relação entre a praça e a cidade além de limitar o seu acesso que se dá apenas através de uma escadaria. No lado oposto, existem uma série de espaços que fazem com que praça fique mais “protegida” do espaço urbano que o circunda, em especial, uma faixa de canteiro cria uma barreira e limita os acessos também por este lado.



Figuras 22 e 23: Acessos à Praça da Convivência do “Corredor Cultural de Mossoró” a partir dos dois lados da Av. Rio Branco. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

O “casario” criado na Praça da Convivência abriga uma série de restaurantes, muitos deles com marcas conhecidas que se encontram em outras cidades brasileiras. A sensação é de estarmos em uma típica praça da alimentação de um shopping center qualquer e não em um espaço urbano. Também há um pequeno palco para apresentações de música ao vivo (figuras 24 e 25).



Figuras 24 e 25: Praça da Convivência do “Corredor Cultural de Mossoró”, restaurantes e palco para pequenas apresentações. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

Ao tentar reproduzir a estética eclética, o novo casario da Praça da Convivência cria verdadeiras agressões a um olhar um pouco mais apurado do ponto de vista arquitetônico: são “empenas” falsas e totalmente soltas, voando; uma série de aberturas que existem apenas como marcação e não como elementos funcionais, etc... (figuras 26, 27 e 28).



Figuras 26, 27 e 28: Detalhes da Praça da Convivência do “Corredor Cultural de Mossoró”, “empenas voadoras” e “aberturas fechadas”. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

Enquanto isso, em outros trechos da “cidade real”, o patrimônio histórico desta importante cidade potiguar clama por atenção. O entorno da Praça da Redenção, por exemplo, ainda possui vários exemplares de arquitetura eclética que sobrevivem apesar do abandono. Todas as edificações apresentadas nas figuras 29, 30, 31 e 32, localizam-se no entorno deste importante espaço público da cidade. Duas das edificações que aparecem na figura 29 ainda estão sendo utilizadas como residências, as demais, entretanto, apesar de todas ainda bastante íntegras, encontram-se abandonadas e com vários vãos entaipados. É apenas uma questão de tempo para que elas desapareçam da paisagem urbana de Mossoró.



Figuras 29, 30, 31 e 32: Edificações ecléticas ainda existentes no entorno da Praça da Redenção, a maioria delas em situação de abandono. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

A ironia de tudo isso é que a prefeitura de Mossoró utilize a seguinte frase para descrever o espaço pasteurizado da Praça da Convivência: *“Este espaço resgata aspectos arquitetônicos da Mossoró do passado e celebra a diversidade de pessoas, cores, cheiros, sabores, linguagens e hábitos.”* (ver figura 33). Tudo o que NÃO existe nesta praça é diversidade, de nenhuma qualidade. A desvinculação desta de qualquer relação com a cidade já constituída, o tipo de atividade aqui implantada que pode ser consumida por poucos, são apenas alguns dos aspectos que ressaltam a sua homogeneidade estéril. A arquitetura produzida não apenas não “resgata aspectos arquitetônicos da Mossoró do passado” como atenta contra a história arquitetônica da cidade ainda presente em muitos exemplares que aguardam ansiosamente por algum movimento pela sua preservação.



Figura 33: Placa de identificação da Praça da Convivência do “Corredor Cultural de Mossoró”. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

Que Mossoró esteja “mais aberta aos novos signos contemporâneos”, como observaram Pequeno e Elias (2010), e não queira estar de fora desta tendência à *disneyficação* pode-se até compreender quando estamos falando, por exemplo, de um parque temático voltado para as crianças como o Parque da Criança (figuras 34 a 37).



Figuras 34, 35, 36 e 37: Parque da Criança no “Corredor Cultural de Mossoró”. Fotos realizadas pela autora, jan/2013.

Entretanto, substituir a atenção à cidade constituída, vivenciada pela população em geral para criar um pseudo-espço público que reproduz uma praça de alimentação de shopping ao ar livre como a Praça da Convivência do Corredor Cultural, é uma agressão ao reconhecimento do patrimônio histórico de Mossoró. Mesmo o Parque da Criança, ao observá-lo como um espaço fechado, com acesso controlado e nem sempre acessível à população, fica o questionamento se este consegue alcançar ao objetivo que o mesmo se diz defensor: *“Nesse espaço lúdico a criança nem percebe que, através da brincadeira, a semente da humanidade está se formando.”* Este texto está registrado na placa de identificação do Parque da Criança. Qual será mesmo essa humanidade que estamos formando?

Este “urbanismo da meta realidade” (CASTELLO, 1998) parece-nos reforçar as desigualdades sócio-espaciais que estão se configurando em Mossoró em decorrência do crescimento acelerado ocorrido nos últimos anos⁴, conforme observado por Pequeno e Elias (2010:448):

Na ausência de políticas de desenvolvimento urbano e habitacional associadas a processos de planejamento, prevaleceu, nos últimos anos, **a lógica do projeto urbano através da qual a gestão do espaço intraurbano passou a ser conduzida mediante intervenções pontuais, orientadas segundo critérios estrategicamente definidos.** Dessa forma, do crescimento urbano de Mossoró emergem, além de formas precárias de moradia associadas à carência de redes de infraestrutura urbana e de equipamentos sociais, os espaços de riqueza, onde passam a predominar condomínios horizontais e verticais, bem como centros comerciais e de serviços, estabelecendo um quadro de **segregação socioespacial**, configurando-se **intensas disparidades intraurbanas.** (PEQUENO e ELIAS, 2010: 448 – grifos da autora).

Parafraseando Ghirardo (1996: 50, 58), o que observamos é a construção de uma *“versão purificada da história mossoroense”*. Parece inadmissível que numa cidade com a densidade histórica de Mossoró, o representante de sua “cultura” seja uma criação fantasiosa de mau gosto. Que tipo de educação patrimonial estamos promovendo através de projetos de requalificação urbana como este? Se existe um patrimônio “real” e uma forte identidade local, porque forjar uma outra?

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo.** Rio de Janeiro: Elfos Ed., 1995. 213p.

BRENDLE, Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti e VIEIRA, Natália M. **Ruína não se restaura. A reinvenção do Quarteirão dos Trapiches de Laranjeiras.** Rio de Janeiro: Anais do III Congresso Internacional na Recuperação, Manutenção e Restauração de Edifícios. 2010.

BRENDLE, Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti e VIEIRA, Natália M. **Nova arquitetura e preexistências: A contribuição contemporânea ao patrimônio da cidade.** XIII Congresso ABRACOR. Porto Alegre, 2009.

CARVALHO, José Augusto Oliveira. **“É pela Tradição”: Proposta de Espaço Cultural e Intervenção Urbana para a cidade de Várzea/RN.** 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Orientador: Natália Miranda Vieira de Araújo. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

⁴ Segundo Pequeno e Elias (2010), Mossoró sofreu um acelerado crescimento populacional de 1970 a 2000: “Dessa forma, em trinta anos, a população urbana cresceu cerca de 2,5 vezes. No que tange à taxa de urbanização, atinge os 93% no ano 2000.”



CASTELLO, Lineu. **Do desenho animado ao desenho urbano, o urbanismo da meta-realidade.** In: Anais do V Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Campinas: PUC Campinas, 1998.

GHIRARDO, Diane. **Architecture after modernism.** Singapore: CSGraphics, 1996. 240p.

PEQUENO, Renato; ELIAS, Denise. **Tendências da urbanização e os espaços urbanos não metropolitanos.** In: Cadernos Metrópoles, São Paulo, v.2, n. 24, p. 441-465, jul/dez 2010.

VIEIRA, Natália Miranda; NASCIMENTO, J. Clewton. **A cristalização da 'eterna imagem do passado' nas práticas preservacionistas dos sítios históricos brasileiros: perspectivas para a sua superação?** In: II Encontro Nacional da ANPARQ- Teorias e Práticas na Arquitetura e na Cidade Contemporâneas, 2012, Natal. Anais do II ENANPARQ. Natal: Editora da UFRN, 2012.

VIEIRA, Natália Miranda; BRENDLE, Maria de Betânia Uchôa Cavalcanti e TEIXEIRA, Rubenilson Brazão. **Patrimônio ao léu. Destruição oficial nos centros de Laranjeiras (SE) e São José do Mipibu (RN).** Maceió: Anais do II URBICENTROS. UFAL, 2011.

VIEIRA, Natália Miranda. **Integridade e Autenticidade: conceitos-chave para a reflexão sobre intervenções contemporâneas em áreas históricas.** Anais do ARQUIMEMÓRIA 3- Encontro Nacional de Arquitetos sobre Preservação do Patrimônio Edificado, Salvador, 2008.

VIEIRA Natália Miranda. **Gestão de Sítios Históricos: a transformação dos valores culturais e econômicos em programas de revitalização em áreas históricas.** Recife: Editora da UFPE, 2007.

VIEIRA, Natália Miranda. **A Discipline in the making: Restoration Classics Revisited.** In: City & Time 1 (1): 1. [online] URL:<http://www.ct.ceci-br.org>, 2005.

VIEIRA, Natália Miranda. **O lugar da história na cidade contemporânea. Bairro do Recife & Pelourinho.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFBA. Salvador, 2000.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens Urbanas Pós-modernas: mapeando cultura e poder.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 24, 1996. p. 204-219.